



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 67/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

CONTAS A ACERTAR

Bolívia, Peru e Equador tinham longas contas a acertar com suas populações indígenas, inteligentes, laboriosas e exploradas cruel e secularmente pelas elites européias. Longas contas, que se acumulavam década após década, desde o período colonial, talvez o maior exemplo de rapinagem, opressão e massacre na História dos últimos mil anos, constituindo passivos cada vez mais explosivos sob o ponto-de-vista da paz interna.

Bolívia e Equador entraram em processo de acerto através da via democrática, elegendo governantes comprometidos com a justiça entre segmentos e camadas da população, governos que, enfrentando dificuldades ingentes, oriundas de interesses cristalizados de fora e de dentro, vão conseguindo avançar no cumprimento de seus compromissos. O Presidente da Bolívia, além da ameaça de uma guerra separatista vinda da região mais rica do país (sudeste), esteve recentemente cercado de perigo físico e real, na região amazônica ao nordeste do seu país, tendo sido obrigado a recorrer ao governo brasileiro para escapar ao cerco por dentro do nosso território. O do Equador, que não é de origem indígena mas tem o sentimento deles, que assumiu uma nação cuja elite abdicou da própria moeda para se entregar ao dólar, foi quem disse que a América do Sul não vive uma época de mudanças mas uma mudança de época. E ambos os países, contando com uma política de flagrante boa-vontade do Brasil (frequentemente criticada pelos nossos conservadores, que evidentemente não gostam dos dois governos), ambos, Bolívia e Equador, nações sem nenhuma tradição democrática, vão percorrendo o complicado caminho libertário rumo à cidadania sem apelo à força e à ditadura tão comuns em suas respectivas histórias. É de se admirar, é de se louvar, é de se apoiar, penso eu, como o Brasil vem fazendo.

O terceiro país com dívidas pesadas em relação aos indígenas, o Peru, escolheu, por eleição popular, outro caminho, através de um Presidente que já havia governado a nação sem êxito em passado não remoto e que derrotou o candidato que era mais clara e diretamente ligado à causa da justiça social. Seguiu a via tradicional de buscar o crescimento econômico dentro do modelo liberal, sem conferir prioridade especial à questão da distribuição dos frutos desse crescimento, especialmente aos índios empobrecidos. Optou pelo acordo de livre comércio com os Estados Unidos, no rastro dos resultados mais imediatos obtidos pelo México e pelo Chile. E o resultado parece crescentemente carregado de tensões e ameaças ainda mais pesadas do que aquelas que rondam a Bolívia. Os episódios de confronto que se sucedem (pouco noticiados pela nossa mídia) dão conta de um processo que se alastra e pode assumir dimensões de uma revolução popular enfrentando repressão drástica. E, no caso do Peru, não há nada que o Brasil possa fazer além de manter relações tradicionais de absoluto respeito às instituições da nação vizinha, numa posição de estrito afastamento em relação às suas disputas internas. Ajudar o governo com gestos objetivos de boa-vontade além do relacionamento normal (como faz com a Bolívia e o Equador) seria colaborar com uma linha política que contraria as reivindicações históricas que se manifestam na mudança por que passa o Continente; e, de outro lado, colaborar de alguma forma com os rebeldes seria uma atitude de interferência indevida em assuntos internos do Peru, que o Brasil nunca tomaria.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 67/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

A cupidez das elites desses países, completamente alienadas em relação aos respectivos povos nacionais, voltadas exclusivamente para os centros mundiais de poder, associando-se aos interesses desses centros na exploração das suas próprias riquezas a preço vil, elites residentes nos respectivos territórios mas assumindo vidas de padrão europeu ou norte-americano, no consumo, nas aspirações, nos hábitos e no pensamento, esse comportamento impudente dessas elites foi descrito e comentado com muita lucidez por Celso Furtado, que nele enxergava a causa mais profunda do atraso social, político e econômico desses países. E o caso mais notório, e mais estudado por Furtado, não foi o desses três países aqui referidos mas o da Venezuela, outro exemplo de acerto de contas que está sendo feito no presente, lá não tanto com indígenas mas com populações de negros e mestiços empobrecidas pela exploração predatória, estéril e iníqua da imensa riqueza do seu petróleo.

Desnecessário ressaltar a importância do papel do Brasil nesse contexto, não só pelas suas dimensões física, demográfica e econômica, como também pelo amadurecimento político-cultural que realizou através de um Estado Republicano que se organizou a partir dos anos trinta do século passado e tomou iniciativas decisivas e irreversíveis na construção da sua infra-estrutura e da sua base industrial assim como no desenvolvimento da sua agricultura. E também pela política, eis que o Brasil, depois de atravessar o militarismo que todos experimentaram, foi o primeiro a iniciar o seu acerto de contas, de proporções menos dramáticas mas ainda assim difícil, trilhando com firmeza definitiva o caminho democrático.

Este papel, e sua importância, de certo não escapa à percepção dos sensores políticos do nosso grande vizinho do norte, e as atenções do seu novo e brilhante Presidente para com o nosso atestam esse interesse realmente bastante diferente da antiga política de boa vizinhança que retratava a despreocupação e desleixo em relação a um continente-quintal que começava ao sul do rio Grande. Agora surge um novo e considerável poder econômico e político que se articula em torno de um eixo de grande energia que vai do Orenoco à Patagônia, com centro de gravidade em Brasília.

Trata-se realmente de uma Mudança de Época, como muito propriamente disse o Presidente do Equador. Minha maior alegria política é presenciar esta emergência inequívoca ao fim da minha vida, depois de tanta luta.

Dito o principal, antes de fechar, aproveitando um pequeno espaço restante, saio da política e passo aos amigos a informação de que "A Partida" é um filme belo e benfazejo, que vale a pena ser visto. Esses seres esquisitos, os japoneses.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br